

#cm
2
TERÇA-FEIRA



O violão que não envelhece

Aos 80 anos, João Bosco reúne amigos de todas as gerações em “Amigos Novos e Antigos”, disco que celebra mais de cinco décadas de uma das obras mais inventivas da canção brasileira. Página 2

Volume 1 do novo trabalho reinventa a obra de João Bosco em colaborações com Zeca Pagodinho, Mart'nália, Tiago Iorc, Hamilton de Holanda e César Camargo Mariano

AFFONSO NUNES

João Bosco, todos sabemos, não é só um dos grandes cantores e compositores da música brasileira. É, acima, de tudo um virtuoso do violão, dono de uma das batidas mais inventivas de nossa canção popular. Desde que esse mineiro de Ponte Nova chegou ao Rio de Janeiro no fim dos anos 1960, carregando a herança libanesa do pai, o bandolim familiar e uma harmonia que misturava samba e jazz com muita liberdade, logo tornou-se referência. Agora, ao completar 80 anos, ele volta a escancarar as portas de seu riquíssimo edifício sonoro com um novo álbum.

“Amigos Novos e Antigos” é o nome do disco que chega em duas etapas ao longo de 2026, acompanhado de turnê. A parte 1, com seis faixas, já está nas plataformas digitais. O álbum completo, com 17 faixas, sai em 25 de setembro. Seu título é inspirado em composição feita ao lado do eterno parceiro Aldir Blanc (1946-2020). A parte 1 não traz canções inéditas, mas não cheira a coletânea. É disco de reinvenções, recordações e abraços. O artista olha para trás, mas encara o momento atual com frescor e entusiasmo. “Chegar aos 80 cercado de pessoas que fizeram parte da minha história e de artistas que continuam levando essa música pra frente é um presente. Este disco nasceu da vontade de agradecer. Cada canção é uma conversa, um abraço, um reencontro”, resume.

João Bosco de Freitas Mucci cresceu em Ponte Nova, no interior de Minas, num lar de dez irmãos onde música era o ar que se respirava. Bandolim, piano, violino e canto faziam parte do cotidiano familiar. Aos 12 anos, ganhou de uma irmã um violão verde — o primeiro instrumento. A herança libanesa do pai e a matriz mineira se fundiram cedo em uma obra que nunca coube em uma única prateleira. Sua melodia era um samba de construção



‘Este disco nasceu da vontade de agradecer’

sofisticada que trazia a liberdade do jazz, sempre com descontração.

A parceria histórica com Aldir teve início nos anos 1970 pelo projeto Disco de Bolso, encartado no jornal O Pasquim por sugestão de Sérgio Ricardo. De um lado do compacto, um artista consagrado, no caso Tom Jobim com “Águas de Março”. Do outro, uma revelação, no caso João. A faixa era “Agnus Sei”. O próprio Maestro Soberano teve elogios ao estreante no encarte do compacto. Foi essa canção que levou Elis Regina a descobrir a dupla João/Aldir e gravar, nos anos seguintes, várias parcerias dos dois.

Voltemos ao novo trabalho. A parte 1 do álbum traz encontros cui-

dadosamente escolhidos por João. Zeca Pagodinho divide o vocal em “Siri Recheado e o Cacete”, canção do álbum “Bandalhismo” (1980), escrita com Aldir Blanc, que transforma uma pescaria de siris no Canal da Barra numa crônica hilariante. Mart'nália acompanha João no clássico “Kid Cavaquinho”, outro fruto da profícua parceria com Blanc. Tiago Iorc aparece em “Perfeição”, composição de João Bosco e do filho Francisco. César Camargo Mariano acrescenta teclados a “Casa de Marimbondo”, canção de 1975 que usa a imagem do ninho de marimbondos para ilustrar a força coletiva do samba. O amigo Hamilton de Holanda vem de bandolim em

“Nação”, assinatura tríplice de João Bosco, Aldir Blanc e Paulo Emílio.

Na maioria dessas novas versões de velhas canções, Aldir Blanc se faz presente. Parceiro, cúmplice artístico e amigo inseparável, Aldir ocupa um lugar central no projeto. Sua poesia percorre o álbum como presença afetiva constante.

Outra referência desta trabalho é Elis. Pois foi por meio de sua voz que muitas dessas canções ganharam o país. João definiu Elis, em entrevista à Revista Cult, como “uma bússola”.

Em vez de coletânea de sucessos, “Amigos Novos e Antigos” propõe um percurso por diferentes momentos da carreira, reunindo

canções emblemáticas e outras que revelam facetas menos conhecidas de um compositor cuja ousadia sempre caminhou lado a lado com a popularidade. Em novos arranjos, elas aparecem iluminadas por outras vozes, novas leituras e diferentes gerações de músicos. “Essas músicas nunca foram minhas apenas. Desde que nasceram, passaram a pertencer às pessoas. Agora voltam diferentes, carregando as histórias de quem as cantou, ouviu, gravou e viveu com elas. Acho bonito ver uma canção continuar mudando sem perder sua essência”, ensina o músico. E se é assim, João Bosco tem um Brasil inteiro como parceiro, pois quem nunca cantou suas criações?

A turnê comemorativa levará ao palco essa atmosfera de encontro, com shows em Belo Horizonte (6 de agosto), Maceió (12 de setembro), Rio de Janeiro (2 de outubro), São Paulo (9 de outubro), Porto Alegre (15 de outubro) e Curitiba (16 de outubro). Mais do que uma retrospectiva, os espetáculos serão celebração do presente de um artista que continua criando, reinventando o próprio repertório e emocionando plateias no Brasil e no exterior. Aos 80 anos, João Bosco reafirma aquilo que sempre distinguiu sua obra: a capacidade de transformar virtuosismo em emoção, sofisticação em proximidade e amizade em música. “Amigos Novos e Antigos” não é apenas um tributo a uma carreira extraordinária. É a prova de que algumas canções continuam encontrando novos caminhos porque nasceram para permanecer.

Laura Pausini

e sua paixão pelo público brasileiro

Cantora italiana, que gravou recentemente dueto com Sandy, fala da expectativa para o show em São Paulo, no início de 2027

ISABELA FAGGIANI

Folhapress

Laura Pausini encontrou em um clássico que atravessou gerações de brasileiros a ponte perfeita entre a Itália e o Brasil. Ao lado de Sandy, a cantora regravou “Quando Chove”, sucesso de Patrícia Marx que ficou eternizada como trilha sonora de Diná (Christiane Torloni) na novela “A Viagem” (1994).

A parceria nasceu de uma homenagem às raízes italianas da artista. Laura já havia gravado “Quanno Chiove”, de Pino Daniele, para seu álbum mais recente, “Io Canto 2”, dedicado a releituras de canções marcantes de artistas italianos e descendentes. Segundo ela, o disco surgiu da vontade de revisitar músicas que ajudaram a moldar sua trajetória.

Foi justamente durante o processo de gravação que Laura soube da existência da versão em português da canção. “Eu descobri poucos dias antes de gravar a versão em italiano, porque a minha melhor amiga é paulista e ela sempre escuta meus demos”, conta ao F5. “Quando eu enviei a gravação para ela, ela disse: ‘você sabe que essa música existe em português?’. E ela me falou também que a música teve um sucesso importante no Brasil.”

A informação despertou o desejo de registrar a faixa em português e, ao escutar a gravação, a artista contou que imediatamente imaginou a voz de Sandy divi-

dindo a música com ela. Foi então que entrou em contato com a cantora brasileira.

“Ela ficou muito feliz e me disse que essa é uma canção muito importante para ela, que a lembra de sua infância e adolescência. Acredito que as coisas que nascem dessa maneira têm um valor verdadeiro, e não se pode evitar de fazê-las. Acredito que você pode escutar nas nossas vozes juntas que existe uma ligação”, avalia.

Hoje, com mais de três décadas de carreira, Laura mantém uma relação de amor com o público brasileiro. A cantora construiu uma carreira internacional, cantou na final da Copa do Mundo e se tornou uma das artistas italianas mais populares fora de seu país. Ainda assim, admite que já pensou que teria que se despedir dos palcos.

“Acredito que na vida das pessoas todas chegamos a um momento em que nos perguntamos: ‘Estou fazendo a coisa mais correta? Estou fazendo a coisa mais justa para mim?’. Durante a época da Covid, esse pensamento também chegou até o meu trabalho”, admite. “E eu estava com medo de não poder trabalhar. Eu pensava: ‘Tenho que desistir, mas não quero’. Eu vou cantar sempre, eu amo cantar.”

Bem-humorada, Laura comentou que a música faz parte de quem ela é --para desespero, às vezes, da filha Paola, de 13 anos. Durante as últimas férias em família, a adolescente ficou consternada porque a mãe começava



Laura Pausini fará show no Pacaembu em 27 de fevereiro de 2027

a cantar em qualquer lugar.

“Eu nasci cantando e eu vou morrer cantando. Não é nem certeza que vou morrer, porque desde menina estou esperando que criem uma pílula para a vida eterna.”

Apesar de ter gostos musicais diferentes dos da mãe, Paola acompanha Laura nas turnês e conhece todo o seu repertório. Recentemente, passou por uma fase de ouvir Michael Jackson, algo que deixou a cantora especialmente feliz.

“Ela finalmente coloca a música de Michael Jackson no carro, em casa. É uma coisa maravilhosa. Eu gosto de cantores que cantam, sabe? Não são todos os cantores de hoje que cantam”, alfineta.

Antes que pudesse concluir o raciocínio, a artista foi interrompida pela assessora, que avisou que o tempo da entrevista estava acabando. Laura caiu na risada: “Ela tem medo de que eu cite nomes. Vocês no Brasil não conhecem, então não vou dizer”.

A cantora encerrou a conver-

sa projetando seu próximo encontro com o público brasileiro. Em 27 de fevereiro, ela fará seu primeiro show em um estádio no Brasil, na Mercado Livre Arena Pacaembu, em São Paulo, com a turnê “Io Canto World Tour”.

Empolgada, disse que já começou a montar o repertório e quer fazer uma apresentação para retribuir o carinho dos fãs. “Vai ser um show de mais de 2 horas. Eu vou cantar tudo com toda minha força e meu coração”, promete.

Nicolas Loretucci/Divulgação



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Eraro ouvir português nas mostras competitivas de um dos mais prestigiados festivais do mundo, o de San Sebastián, na Espanha (também chamado de Donostia, em referência ao nome da cidade basca em sua língua natal, o euskara), mas quando se avalia a seção Horizontes Latinos, o Brasil é sempre bem-vindo, com a presença assegurada, na edição de número 74 do evento, do que pode ser um colosso de DNA mineiro: “A Professora de Francês”. Ricardo Alves Jr. assina direção e Grace Passô é a protagonista. Em estreia mundial, o longa-metragem produzido por Brasil, França e Portugal integra uma seleção de 12 títulos que concorrem ao Prêmio Horizontes Make & Mark, dotado de 35 mil euros para o produtor majoritário e o distribuidor espanhol do filme vencedor. Com o rosto do muso portenho Ricardo Darín a estampar seu poster, o festival espanhol será realizado de 18 a 26 de setembro e terá o diretor alemão Werner Herzog como seu homenageado.

Nascido em Belo Horizonte, em 1982, Ricardo Alves Jr. construiu uma trajetória que transita entre a ficção, o documentário, o experimental e o teatro, e chega agora à sua quarta longa-metragem com um thriller psicológico de atmosfera inquietante. Grace, a personagem central, vive em Belo Horizonte, onde dá aulas particulares de francês e mora com sua companheira francesa. Uma emergência médica envolvendo seu pai faz com que ela retorne à casa onde passou a infância, na periferia da cidade. Ali, uma família vizinha, ligada a uma congregação religiosa local, oferece ajuda à protagonista, mas o acolhimento rapidamente se transforma em uma tentativa de devolvê-la a um lugar social que ela já não reconhece como seu.

A partir desse contato, “A Professora de Francês” mergulha em um universo de intolerância e fanatismo, no qual as fronteiras entre proteção, controle e violência psicológica vão se tornando cada vez mais tênues. Grace Passô, uma das intérpretes mais importantes do cinema brasileiro contemporâneo, divide o elenco com Jehnny Beth e Pedro Goifman. O projeto tem uma história de longa gestação em San Sebastián: foi apresentado no Proyecta, em 2018, antes de chegar à seleção oficial. A estreia mundial no festival



Denise dos Santos

Ricardo Alves Jr. dirige Grace Passô em cena de ‘A Professora de Piano’

A festa da latinidade tem CEP: Donostia

Um dos mais importantes festivais do planeta, San Sebastián, da Espanha, anuncia seleção de peso para sua seção Horizontes Latinos, que terá ‘A Professora de Piano’ de Minas Gerais



Divulgação

Siempre Soy Tu Animal Materno assegurou ao cinema da Costa Rica prêmio de atuação em Cannes



RT Features

Selton Mello integra o elenco de *La Perra*, da chilena Dominga Sotomayor

espanhol reforça uma trajetória de cinema mineiro que, nos últimos anos, tem encontrado no circuito internacional um território particularmente fértil para experimentação estética e política.

A presença brasileira não é, porém, a única atração de uma Horizontes Latinos que reúne 12 filmes produzidos total ou parcialmente na América Latina, realizados por cineastas de origem latina ou ambientados em comunidades latino-americanas. A abertura da seção caberá a “Siempre soy tu animal materno / Forever Your Maternal Animal”, da costarriquenha Valenti-

na Maurel, filme que chega a San Sebastián carregando a força de uma passagem premiada por Cannes. Marina de Távira, Daniela Marín Navarro e Mariangel Villegas dividiram o prêmio de Melhor Atriz de Un Certain Regard pela produção, que acompanha uma jovem de volta à Costa Rica depois de anos estudando na Europa. Ao reencontrar a família, ela descobre um ambiente doméstico marcado por afastamentos, conflitos e uma irmã mais nova cada vez mais isolada.

O novo trabalho de Maurel, nascida em San José, em 1988, sucede “Tengo sueños eléctricos / I Have

Electric Dreams”, de 2022, longa que conquistou mais de 30 prêmios internacionais, incluindo distinções de direção, atriz e ator no Festival de Locarno, além do próprio Prêmio Horizontes em San Sebastián. A cineasta retorna, portanto, a um festival que conhece bem para apresentar um drama familiar sobre os estragos provocados pela distância e pela incapacidade dos adultos de perceberem aquilo que acontece dentro de casa. A produção reúne Bélgica, França e México e estabelece desde a abertura da seção uma das linhas de força desta edição: famílias em crise, identidades em transfor-

mação e personagens tentando sobreviver às estruturas que os cercam.

Outro destaque é “Cinco años, cuatro meses / Five Years, Four Months”, dos colombianos Juan Miguel Gelacio e Esteban Hoyos García, que voltam a San Sebastián depois de apresentarem “Selva / Jungle” no WIP Latam, em 2023. O longa, exibido no Festival de Karlovy Vary, acompanha Martha, uma mãe que perdeu o rastro do filho durante o conflito armado colombiano. Depois de uma nova exumação não encontrar qualquer correspondência óssea, ela esgota as possibilidades institucionais de



Kinotitlán



Divulgação



Divulgação

Com essa carinha de Chaves do Oito, Cristian (Bastian Escobar) botou a Berlimale no bolso em Moscas

Belén Vierci, Marisa Cubero, Arturo Fleitas, Alberto Sanchez, Natalia Cálcena em Narciso

Deshielo é uma produção chilena Manuela Martelli

investigação e se aproxima de um grupo de mulheres que mantêm viva a memória dos desaparecidos. É nesse ambiente que ouve uma história sobre uma aldeia remota onde seria possível pedir um favor a um morto. A partir daí, Martha e Sandra iniciam uma viagem movida por dor, esperança e pela necessidade de encontrar respostas.

Também argentino, “El tren fluvial / The River Train” marca a estreia de Lorenzo Ferro na direção de um longa-metragem, em parceria com Lucas A. Vignale, morto recentemente. O filme acompanha Milo, um menino de 9 anos que vive em

uma aldeia argentina e treina para ser dançarino de malambo, mas sonha em viajar de trem para Buenos Aires, cidade que conhece apenas pelos filmes. A aventura se transforma em uma história de descoberta e desejo de romper as fronteiras de um universo pequeno demais para os sonhos do garoto.

A fotógrafa argentina Alessandra Sanguinetti faz sua estreia no cinema com “La ilusión de un verano sin fin / The Illusion of an Everlasting Summer”, documentário apresentado na seção Cineasti del Presente de Locarno. A obra acompanha, ao longo de 25 anos, Guill-

mina e Belinda, duas meninas dos pampas argentinos que começaram a compartilhar fantasias e brincadeiras quando tinham apenas 9 anos. O projeto, iniciado em 1999, acompanha a passagem da infância para a adolescência e, depois, para o trabalho, a maternidade e caminhos cada vez mais distintos.

Depois de abrir a Horizontes Latinos de 2025 com a estreia mundial de “Limpia”, a chilena Dominga Sotomayor retorna agora com “La Perra”, longa que recebeu um Palm Dog na Quinzaine des Cinéastes, em Cannes, e tem Selton Mello no elenco. É uma livre adaptação

do romance homônimo de Pilar Quintana e será projetado no dia 21 de agosto em Gramado, no encerramento festival gaúcho. O filme acompanha Silvia, mulher que vive com o companheiro em uma ilha remota da costa chilena e trabalha na coleta de algas. A chegada de um cachorro abandonado, Yuri, desperta nela uma ternura que logo se mistura ao desejo de maternidade que havia sido reprimido durante anos. Quando o animal desaparece, uma ferida da infância volta à superfície e obriga Silvia a confrontar um passado que nunca deixou completamente.

O México aparece ainda com “Ceniza en la boca / Ashes”, dirigido pelo ator Diego Luna, em produção com a Espanha. A história acompanha Lucila e o irmão Diego, que deixam o México rumo a Madri para se juntar à mãe, que trabalha ilegalmente no país europeu há oito anos. O que parecia representar a chance de uma vida melhor rapidamente se revela uma experiência muito mais dura do que os irmãos imaginavam. O longa coloca no centro questões como imigração, precariedade e separação familiar.

“Chicas tristes / Sad Girlz”, da espanhola Fernanda Tovar, leva a Horizontes Latinos uma história de amizade adolescente atravessada por violência e desejo de vingança. La Maestra e Paula são as melhores nadadoras de sua equipe e também amigas inseparáveis, até que um episódio ocorrido em uma festa muda completamente a relação entre as duas. Quando a verdade vem à tona, Paula quer manter o silêncio, enquanto La Maestra exige vingança.

A chilena Manuela Martelli, por sua vez, concorre com “El deshielo / The Meltdown”, produção de Chile, Estados Unidos, Espanha e México. Ambientado em 1992, o filme acompanha Inés durante uma temporada no hotel dos avós, localizado em uma região montanhosa, onde ela conhece Hanna, uma jovem esquiadora alemã. A convivência entre as duas é interrompida quando Hanna desaparece sem deixar vestígios, obrigando Inés a participar de uma busca que acaba revelando segredos escondidos naquele ambiente aparentemente protegido.

Fernando Eimbcke, um dos nomes mais reconhecíveis da nova geração do cinema mexicano, apresenta “Moscas / Flies”, produção mexicana e espanhola desenvolvida no WIP Latam de 2025. Concorreu com ela ao Urso de Ouro da Berlimale. Depois de sofrer uma perda terrível, Olga se fecha para o mundo e tenta manter uma rotina de isolamento. A falta de dinheiro para pagar uma operação no dedão do pé, porém, obriga-a a alugar um quarto de seu apartamento para Tulio, marido de uma paciente internada no hospital localizado diante do enorme edifício onde ela vive. Quando Tulio precisa viajar por alguns dias, deixa o filho pequenino, Christian, no apartamento. A presença do menino altera a rotina de

Olga. Gera um “Central do Brasil” PB.

“Seis meses en el edificio rosa con azul / Six Months in a Pink & Blue Building”, de Bruno Santamaría Razo, completa o grupo de filmes recém-anunciados. O diretor de fotografia e produtor mexicano estreia na ficção com uma história ambientada na Cidade do México do início dos anos 1990. No dia em que completa 11 anos, Bruno se apaixona pelo melhor amigo, Vladimir. Naquela mesma noite, seu pai recebe o diagnóstico de HIV, alterando a dinâmica de toda a família. A música e a dança tornam-se mecanismos de sobrevivência diante do medo e da dor, enquanto o garoto tenta compreender sentimentos que ainda não consegue nomear. O filme passou pela Semaine de la Critique de Cannes.

O encerramento da seção será feito por “Narciso”, do paraguaio Marcelo Martinessi, produção que reúne Paraguai, Espanha, Uruguai, Brasil, Portugal, Alemanha e França. A Berlimale deu ao realizador o Prêmio da Crítica, em fevereiro. A trama se passa em 1959, sob uma sufocante ditadura militar, quando Narciso retorna de Buenos Aires trazendo o rock and roll, carisma e uma imagem que rapidamente o transforma em sensação radiofônica. Desejado por homens e mulheres, ele também passa a simbolizar uma ideia de liberdade em uma sociedade submetida ao medo e ao silêncio. Depois de sua última apresentação, porém, Narciso é encontrado morto. Em um país onde a verdade precisa permanecer escondida para que a ordem seja preservada, a pergunta sobre quem matou o artista transforma-se também em investigação sobre a própria sociedade paraguaia.

Completando o conjunto de concorrentes, “Narciso”, “Chicas tristes / Sad Girlz”, “El deshielo / The Meltdown”, “Cinco años, cuatro meses / Five Years, Four Months”, “El tren fluvial / The River Train”, “Siempre soy tu animal materno / Forever Your Maternal Animal” e “La ilusión de un verano sin fin / The Illusion of an Everlasting Summer” também disputarão o Prêmio DAMA Youth, destinado a filmes que representam o primeiro ou segundo trabalho de seus diretores. A escolha será feita por um júri formado por 150 estudantes com idades entre 18 e 25 anos. Já o Prêmio Horizontes Make & Mark, principal troféu da seção, oferece 35 mil euros ao produtor majoritário e ao distribuidor espanhol do vencedor. Com sua combinação de autores consagrados, estreantes, produções latino-americanas e coproduções europeias, Horizontes Latinos reafirma em San Sebastián o papel de vitrine para um cinema que investiga identidades, deslocamentos, memória, violência e as múltiplas formas de resistência no continente. Nas próximas semanas, serão conhecidos os concorrentes das demais mostras.

‘Pele de Asno’ à moda chilena

Na briga pelo Leopardo de Ouro, ‘Princesa Burro’ encanta Locarno ao usar o conto de fadas para expor o sangue derramado das veias abertas da América Latina



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Preparando-se para receber o Brasil, em sua disputa oficial, com a projeção de “A Margem do Rio”, de Enock Carvalho e Matheus Farias, Locarno hoje vive um caso de amor com o Chile, à luz fabular de “Princesa Burro”, um dos mais lúdicos concorrentes ao Leopardo de Ouro de 2026. Cristóbal León e Joaquín Cociña dirigem a quatro mãos um ensaio de fantasia centrado na força das narrativas orais que evoca o clássico “Pele de Asno” (1970), do francês Jacques Demy (1931-1990). Esse evocação, contudo, segue um traço decolo-



@Bendita Film Sales



Divulgação

A figura de um asno dá um tom fabular à produção *Princesa Burro*

Relatos orais demarcam o longa-metragem chileno, cotado para o Leopardo de Ouro

nial.

“Michel Gondry esteve nosso radar, com seu estilo, mas Demy também, permanecendo lá no nosso horizonte, sendo que temos planos

que são citações ou homenagens a seu filme, mas também à estrutura simbólica dos contos de fadas, um elemento ancestral que liga uma plateia às raízes dos povos ligados àque-

las narrativas”, diz Cociña, ao falar de uma produção capaz de evocar o programa “Vila Sésamo” (ou até o nosso “TV Colosso”) com suas caracterizações de animais. “O limite

entre o artesanal e o tecnológico é muito tênue”.

Qual uma boa história da Carochinha, “Princesa Burro” fala de Diana, aristocrata de um antigo reino. Seu pai, o Rei Arthur, proíbe o amor. Quando Diana se apaixona por Lalo, ele o expulsa do reino. Usando uma pulseira mágica, Diana viaja por outros mundos em busca de seu amado. Ao descobrir que o pai manipula suas decisões, ela precisa enfrentar seus medos e mudar o próprio destino, até que o filme se abre para o realismo mais gentrificado, num registro cartográfico das contradições latinas.

“Existe algo de ridículo no reino que retratamos que expõe o fetiche das idealizações latinas”, diz Cociña, falando da necessidade de a contemporaneidade tentar construir uma tradução ocidentalizados das origens culturais da Pangeia de colonização ibérica. “Tínhamos um roteiro original que, se você lesse, pensaria em um filme muito mais caro do que aquele que fizemos com bem menos de US\$ 1 milhão”.

Nesta quinta, a pátria por trás de “Princesa Burro” avança em Locarno numa latitude hors-concours com a projeção de “Il Cilean”, de Sergio Castro-San Martín, na Piazza Grande. O longa, um épico às avessas, passa-se em 1976. Em meio a protestos de trabalhadores da mineração no Chile, Aldo, um militante especializado em explosivos, é forçado a partir para o exílio. Deixa para trás a mulher e o filho recém-nascido e sobrevive em Turim a duras penas. Tudo muda ao ser absorvido por um grupo anarquista.

Locarno termina neste sábado, com a sessão de com a sessão da comédia “Ni Vue, Ni Connue”, de Marc Fitoussi, com Isabelle Huppert e Sandrine Kiberlain.

“Destroy All Girls”: Surpresa estadunidense

Corpo estranho nas competições cinematográficas mais radicais, apesar de sua hegemonia nos circuitos do mundo inteiro, a produção audiovisual dos EUA encontrou para si um espaço de consagração nesta edição de Locarno, na seção paralela Concurso Cineasti del Presente, graças ao trabalho de Erin Vassilopoulos ao filmar “Destroy All Girls”. Sua identificação autoral é de voz não-binária, evitando os pronomes “ela” ou “ele”. Em sua trama, a jovem Alex Martínez (Ani Me-

sa-Perez) foge de uma casa sufocante para se juntar a um grupo de skatistas de rua que andam de patins em linha. Percorrendo Nova York com pouco mais que seus patins e uma câmera de vídeo, ela encontra inicialmente uma maneira fácil de escapar. Mas, quando família e identidade entram em rota de colisão, Alex é obrigada a enfrentar a única coisa da qual não consegue fugir: ela mesma. Anteriormente, Erin dirigiu “Step Into The Mattress”. (R.F.)



Divulgação

Destroy All Girls se concentra na cena americana do skate

ENTREVISTA | MAMADOU DIA

CINEASTA

'A dança pode ser tudo'

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Não é exagero... nem jargão... dizer: "Mamdou Dia botou Locarno para bailar". Com sua forma audaz de abordar as leis da Física que só a dança sabe regular, o longa-metragem mais recente do cineasta senegalês antes só conhecido por "Demba" (2024) - o ensaio documental "Atcha Atcha" - é a experiência mais sinestésica do festival suíço, em sua seleção de 2026, até agora. A produção desloca a câmera para os corpos de jovens bailarinos em formação sob a orientação de Germaine Acogny, referência da dança contemporânea no Senegal. Durante 83 minutos, o cineasta torna movimentos, gestos, hesitações e corpos em arquivos vivos de uma experiência coletiva, investigando como uma geração recebe, muda e transmite conhecimentos a outras. Num telefonema com o Correio da Manhã, Mamadou dissecou seu experimento audiovisual.



O aspecto mais impressionante de "Atcha Atcha" é a maneira como você transforma o movimento dos corpos em algo que ultrapassa o registro de uma coreografia. Parece mais um ensaio de Física sobre o movimento, mas atrelado a uma poesia da fisicalidade. É mais do que um documentário sobre dança. O que o movimento corporal representa para você?

Mamadou Dia: Sou um cineasta que nasceu e cresceu no Senegal e, como você sabe, nós, do chamado Sul Global, muitas vezes temos nossos corpos representados de maneira muito exótica. Ou se mostra o músculo, ou os traços da beleza, e isso aparece o tempo todo. Eu não sou bailarino, não sei dançar e também não sabia o que a dança significava. Ao fazer este filme, aprendi que a dança pode ser tudo. Você pode simplesmente entrar em cena, ler uma poesia e, ainda assim, haverá dança. A ideia é expressar uma ideia através do corpo.

Como foi, na prática, nas locações, a sua aproxima-

ção física e cinematográfica da dança?

Eu sempre tive interesse nessa figura materna que é Germaine Acogny, considerada uma das mães da dança contemporânea africana. Ela fundou uma escola com o marido, e eu sempre quis fazer alguma coisa sobre ela, mas, desde o começo, sabia que não queria simplesmente fazer um filme biográfico. Nos meus filmes, estou sempre interessado na transmissão: em como nossas comunidades são afetadas pelo que é passado de geração em geração. Meu cinema fala sobre como as comunidades mudam a partir do que se transmite de uma geração para outra.

Como você dirigiu os bailarinos que estão no centro do filme?

Passei muito tempo com eles. Conheci-os aos poucos e procurei entender quem eram antes mesmo de começar a filmar. Algumas das práticas que aparecem no filme eu já tinha visto a olho nu, antes de levar a câmera. Às vezes, simplesmente acompanhava aquilo que eles faziam. Tudo está em movimento naquela escola. Mesmo quando eles não estão fisicamente dançando, estão pensando na dança, porque vivem juntos naquele pequeno vilarejo chamado Toubab Dialaw. Então a questão era: como filmar? Eu mesmo fiz a fotografia e queria manter a câmera a uma certa distância. Perguntava a mim mesmo: se



eu estivesse apenas assistindo àquela dança, sem uma câmera, onde eu ficaria? A partir daí, procurava uma posição que desse ao bailarino o máximo de espaço, mas também permitisse ao espectador experimentar a intensidade daqueles corpos se movendo dentro do quadro.

Em "Atcha Atcha", dança, cinema, vídeo e outras formas de criação parecem conversar para investigar uma questão muito preciosa: identidade. O que significa ser senegalês, ou ser africano, quando esses jovens estão criando através de diferentes linguagens?

Acho que o filme trata de identidade justamente ao dar às pessoas que aparecem nele as suas próprias identidades. São bailarinos e coreógrafos africanos fazendo seu mestrado em dança no Senegal. Nós os vemos duvidando, criando. Cada um fala sobre o país que deixou para vir estudar ali. A identidade também é a identidade desses jovens, com suas esperanças e seus sonhos. São pessoas otimistas, acreditando que vão conseguir.

O que o rótulo "cinema

africanos" representa para você?

Eu prefiro falar "cinemas africanos". Eu não me vejo como um representante oficial do Senegal quando faço um filme. Ninguém no Senegal me disse: "Mamadou, vá fazer filmes". Eu peguei uma câmera e fui fazer. Não estou representando um país. Estou representando o ponto de vista que tenho e aquilo que me interessa. Quero mostrar pessoas comuns que estão fazendo coisas extraordinárias. O Senegal é um país rico em experiência cinematográfica, em história e em memória do cinema. Tivemos a sorte de ter pessoas como Ousmane Sembène e tivemos grandes filmes que foram feitos, embora algumas coisas sejam esquecidas ou escolhidas para não serem lembradas. Os africanos francófonos foram proibidos de fazer filmes. Houve um decreto votado na França, que determinava que os povos colonizados não poderiam fazer cinema sem autorização. Foi preciso encontrar uma brecha. Os primeiros filmes conhecidos feitos por africanos negros foram realizados na França justamente porque jovens cineastas encontraram uma zona cinzenta na legislação. Até hoje temos esse conhecimento, e

sou muito grato às pessoas que trabalharam antes de mim e àquelas que continuam fazendo cinema.

No Brasil, quando se fala de um cinema feito por vozes autorais pretas, o debate do racismo se faz sempre presente. O que significa racismo para um cineasta senegalês?

No Senegal, não falamos necessariamente apenas de um debate racial, mas a questão continua existindo porque raça ainda é importante. Aqui na Europa, quando as pessoas são abordadas pela polícia, sabemos que são principalmente os negros e os pardos que sofrem esse controle. Nos EUA, também. Mas a própria ideia de raça é uma criação. Nós criamos essa ideia para diferenciar pessoas. O que dizer de uma pessoa negra nascida na França que se considera francesa? E de uma criança mestiça nascida no Quênia, filha de um avô holandês? Acredito que o cinema pode ajudar muito nessa questão, porque pode ultrapassar fronteiras e se concentrar naquilo que temos em comum como seres humanos. A condição humana é talvez a coisa mais importante que o cinema pode alcançar.

Divulgação

FOTOCRÔNICA CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Carioquices

Há cidades que são conhecidas por seus monumentos. O Rio de Janeiro é conhecido por seus hábitos. Basta passar alguns dias por aqui para perceber que o carioca não vive apenas na Cidade Maravilhosa; ele vive um modo de ser que dificilmente se encontra em outro lugar do país.

O visitante logo estranha. Depois, encanta-se.

O carioca toma café olhando para o mar como quem consulta um velho amigo. Reclama do calor quando o termômetro marca trinta e dois graus e, na primeira frente fria, veste casaco, cachecol e jura estar congelando. Caminha quilômetros dizendo que é 'logo ali'. Faz do calçadão uma extensão da sala de casa e da praia um quintal onde se encontram empresários, pescadores, artistas, aposentados e estudantes, todos dividindo a mesma faixa de areia.

Mas existe uma carioquice que talvez seja a mais bonita de todas. Sua maneira de viver a fé. No Rio, a religiosidade raramente cabe dentro de uma única definição. Ela passeia pelas ladeiras de Santa Teresa, sobe ao Corcovado, atravessa a Igreja da Penha, entra na pequena capela do bairro e, sem pedir licença, acende uma vela para São Jorge. No dia seguinte, alguém veste vermelho, oferece flores e reverencia Ogum com a mesma devoção. Mais tarde, numa esquina da Lapa ou de Madureira, outro agradece a proteção de Seu Zé Pelintra, de terno branco impecável, gravata vermelha e chapéu elegante. Quem chega de fora pode estranhar. O carioca, não.

Ele aprendeu que a fé não precisa levantar muros. Ela constrói pontes. Aqui, o sinal da cruz pode anteceder um "Saravá". O terço pode dividir espaço com as guias. O respeito vale mais do que os rótulos.

Talvez por isso o dia 23 de abril seja um dos retratos mais bonitos da cidade. As igrejas lotadas de devotos de São Jorge. Os terreiros homenageando Ogum. Pessoas de diferentes crenças caminhando pelas ruas com o mesmo sentimento de esperança. O Rio parece compreender, como poucas cidades, que o sagrado pode vestir muitas roupas sem deixar de ser sagrado. As carioquices também aparecem nas pequenas cenas.

No 'bom-dia' dirigido ao motorista do ônibus. Na conversa despretensiosa da fila da padaria. No aplauso espontâneo ao pôr do sol no Arpoador. Na roda de samba que nasce sem convite. No ambulante que conhece o freguês pelo nome e já entrega o mate 'do jeito de sempre'. São detalhes. Mas são justamente eles que transformam uma viagem em lembrança. Quem visita o Rio costuma fotografar o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar e as praias. Leva para casa belas imagens. Mas o que permanece na memória quase sempre é invisível: a leveza de um povo que conversa com desconhecidos, sorri sem cerimônia e mistura céu, mar, samba e fé com a naturalidade de quem aprendeu que a vida é melhor quando cabe todo mundo nela. Talvez essa seja a maior das carioquices: a capacidade de transformar diferenças em convivência, devoção em acolhimento e rotina em poesia.

É por isso que tanta gente chega para conhecer uma cidade e acaba se apaixonando por um jeito de viver. Porque o Rio nunca foi apenas uma paisagem. O Rio é um estado de espírito. E o carioca, com todas as suas manias, continua sendo a mais encantadora de suas paisagens.

